

Carreiras sem fronteiras e transição profissional no Brasil: desafios e oportunidades para pessoas e organizações. Elza Fátima Rosa Veloso. 1. ed. São Paulo: Atlas, 2012. 168p.

Leonardo Nelmi Trevisan

Professor titular da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP, docente da Escola Superior de Propaganda e Marketing.
E-mail para correspondência: intrevisan@pucsp.br

Horizonte profissional. Nos últimos tempos, esta expressão está bem presente nas expectativas de todos. É preciso lembrar que a crise econômica internacional revestiu a expressão de certa preocupação. Porém, apenas este viés de análise é insuficiente. Na verdade, a realidade no ambiente de trabalho mudou muito faz décadas. E não para de mudar. Hoje, portanto, parece obrigatório organizar os sonhos profissionais de outro modo, o que inclui repensar, às vezes de modo bem radical, a ideia de carreira. O trabalho da Professora Elza Fátima Rosa Veloso, *Carreiras sem fronteiras e transição profissional no Brasil*, recém-lançado pela Editora Atlas, faz exatamente isso: reorganiza as expectativas profissionais nos limites da nova realidade do trabalho.

No texto, a passagem da carreira organizacional clássica para a construção de novas expectativas profissionais, multivariadas, privilegiou “percepções pessoais”, dispensando visões generalizantes. Postulados teóricos bem construídos, com significativa maturidade intelectual, tornam este trabalho muito consistente, mesmo enfrentando terreno tão complexo como o da transição profissional no Brasil. Neste aspecto, certos conceitos como o de “carreiras sem fronteiras”, lançado em 1996, são redefinidos no tempo, repensados em diferentes dimensões, a partir da mobilidade entre “fronteiras objetivas” e “subjetivas” no desenrolar da trajetória profissional. Carreira “proteana” ou carreiras “inteligentes”, por exemplo, também são revistas conceitualmente, buscando-se interfaces entre elas em uma realidade que é tão flexível quanto cruel.

O texto de Elza Veloso não esconde o lado mais difícil das novas trajetórias de carreira. Há um fio condutor importante na lógica de análise que conduz a perspectiva da autora: “um mesmo tamanho não

serve para todos”, na boa imagem que ela retomou de Briscoe, Hall & Mayrhofer para lembrar que, quando se trata de carreiras, “culturas contextos, personalidades, dinâmicas familiares, classes sociais”, dentre outros aspectos, são fatores que têm peso enorme na estrada da felicidade profissional. O interessante é que essa perspectiva estrutural da análise da autora não funciona como fator imobilizador na sua apreensão – teórica e prática – das novas dinâmicas de carreira.

O texto acolhe as incertezas profissionais, típicas do momento contemporâneo, de forma clara: “para parte dos trabalhadores, as atuais opções de carreira são diferentes das vislumbradas no planejamento original da vida profissional”. Este é o ponto essencial: transição profissional é tratada como “fenômeno natural”, que pode ser decisão do indivíduo, considerada mais como opção de vida e não só como “remédio amargo” de situações inevitáveis. Neste aspecto, a discussão proposta pela autora de “horizonte profissional além de uma única organização” é muito fértil por incluir o conceito de “atitude”, principalmente porque bem ancorado na evolução que ela traçou das teorias de carreiras.

Nesse processo de análise, as “situações inesperadas” que hoje marcam tanto as carreiras (com as fusões e aquisições, por exemplo) impõem redefinição na “sensação de pertencer” a determinada organização. Neste ponto, Elza Veloso abriu debate inovador entre o “pertencer” a uma organização e o “a quem cabe a responsabilidade sobre a carreira” na era da globalização, da crise sistêmica e da redivisão da oferta internacional de trabalho.

No Prefácio, o Professor Joel Dutra chamou atenção para este ponto: o momento em que este livro é lançado. Para Dutra, a carreira trabalha o “imaginário

em relação ao futuro” e, ainda segundo ele, a autora captou novas questões como a inédita situação em que a demanda por trabalho no País é maior que a oferta (por muitas razões) e, mesmo assim, as organizações “permanecem reativas” quanto a pensar carreiras. O texto da Professora Elza avança exatamente na discussão desta inércia típica do mundo do trabalho brasileiro, rompendo a dicotomia paralisante entre os espaços definidos do indivíduo e os da organização na construção deste “imaginário do futuro” via carreira.

Os capítulos do livro contemplam esse debate por inteiro. O primeiro organiza os conceitos, apresenta a evolução teórica sobre carreira e o avanço dessa evolução no Brasil. O segundo capítulo lida com as mudanças no cenário mundial e as novas formas de pensar a carreira. O terceiro analisa a ideia de transição com um ponto muito rico: mudança boa não é só no trabalho, é na vida também. O quarto capítulo explora os estilos pessoais de gerenciar carreiras, comportamentos diante da transição e, especialmente, as categorias de análise contrapostas às situações de transição. O último aborda as

organizações e seus “processos” para conviver com conceitos novos, como o de carreira sem fronteira, por exemplo.

Em todos os capítulos, porém, o papel do indivíduo, na gestão da carreira ou nas “atitudes” de inovação nas trajetórias, passa por constante revisão conceitual da ideia de “autoconhecimento”. Para Elza Veloso, esse conceito constrói diferentes atitudes que movem histórias profissionais bem diferenciadas. Por exemplo, a transposição de fronteiras subjetivas de carreira muitas vezes “depende de como se gerenciou a carreira durante a fase do trabalho estável”. Esta percepção é especialmente relevante para se pensar, de forma nova, o conceito de transição profissional.

A riqueza da análise aliada à solidez conceitual e à visão da realidade prática no tema abrem o suficiente espaço para que este livro, com base em tese de doutoramento defendida pela autora na Faculdade de Administração da Universidade de São Paulo, transforme-se no embrião de um muito necessário *handbook* sobre carreira no Brasil.